ANO 7.º — Sexta-feira, 9 de Outubro de 1914 — NUMERO 839

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Mobilisação militar

Apesar do desmentido que tal noticia mereceu do ministério da guerra e que aqui oportunamente reproduzimos, alguns jornaes continuam afirmando que ela, em breve, será um facto de fórma a habilitarnos a satisfazer qualquer pedido que a Inglaterra nos apresente relativo ao envio de forças que a coadjuvem no campo da batalha.

A *Lucta*, num artigo sr. Brito Camacho, seu director, desmentindo, em parte, algumas afirmativas que a tal respeito tem feito determinada imprensa, implicitamente confessa que teremos de partilhar das amarguras dessa luta que ensanguenta a Europa.

Diz assim o citado jornalista:

«Habilitando-se a honrar os compromissos tomados, o govêrno português foi preparando tudo para o caso de uma mobilisação, pois não é ao atar das feridas que se fazem os preparativos para a guerra.

E se não fosse solicitada a nossa intervenção militar?

Nada sería perdido do que houvéssemos feito, porquanto não é licito supôr que o reino da paz se estabeleça logo que esta guerra acabe. O sr. ministro da guerra, justificando um dia, no Parlamento, a proposta de um credito para despêsas do seu ministério, disse com uma nobre franquêsa, imprimindo ás suas palavras um cunho de dolorosa sinceridade:—*E' necessario que o Parlamento saiba que nos falta tudo, que não temos nada.*

Desde que Portugal se declarára pronto a entrar na guerra, se isso viésse a ser necessário, compreende o leitor que havia urgencia em preparar a mobilisação, e sabe toda a gente, mesmo os que são paisanos, que não ha possibilidade de mobilisar um exercito a que falta tudo, a menos que se mobilise para uma grande e espetaculosa parada.

Isto quer dizer que não havia necessidade de se decretar a mobilisação, o que não dispensava, e felizmente não dispensou o govêrno de preparar tudo para o caso de vir a decretá-la.

Mais adeante acrescenta:

A Inglaterra sabe muito bem que não dispômos de um grande exercito para mandar em reforço das suas tropas, e póde bem ser que não tenha falta de homens na modesta quantidade em que nós poderemos mandar-lhos. Um corpo de exercito, ou sejam trinta a quarenta mil homens, é hoje uma unidade mais do que modesta para representar a participação de um país na guerra, visto as forças empenhadas num combate geral se representarem por milhões.

A Inglaterra ainda não formulou um pedido de reforço militar, devendo por isso ter-se como fantasia de jornalistas quanto por aí se tem dito, até agora, a esse respeito. Se ela precisar de homens, á cérta que nos pede homens; mas se apenas precisar de material, á cèrta que apenas isso nos pedirá. **Não poderemos dar-lhe menos do que ela pedir, se o pedido se contivér nos limites da nossa capacidade, mas tambem não poderemos dar-lhe mais do que ela pedir, desde que o seu pedido se harmonise com o que poderiâmos chamar, por analogia com a linguagem medica, a oldeontologia militar.**

Não oferece, pois, duvida que irmãos nossos marcharão a tomar parte nessa guerra cruenta e horrivel que ha dois mezes ceifa vidas e devasta cidades e campos. Essa guerra que no dizer dum ilustre oficial que nela toma parte é *a luta dos engenhos que semeiam a morte e não a resultante do esforço fisico de cada combatente, homem contra homem.*

Quando fui ferido, acrescenta o mesmo oficial, *metade do meu batalhão acabava de ser positivamente varrido, num instante, pelo fogo dos alemães.*

Não se póde fazer ideia do que isso seja! Cada homem dá volta a uma manivela e parece que o proprio ar fica envenenado! E' a morte que paira por toda a parte, que sufoca, que aniquila, que despedaça tudo! Estou convencido de que, quando esta guerra acabar, os horrores que ela causou hão-de assombrar a humanidade, e os homens, que individualmente se recusariam a ser magarefes nesse açougue monstruoso, hão-de ficar pasmados da sua obra nefasta! E, então, a destruição desses engenhos malditos hade impôr-se á consciencia universal, revoltada contra si propria!

Por todas as razões se nos confrange o coração na iminencia do flagelo que nos ameaça e que, não só arrebatará dentre nós entes queridos como nos reservará amargurados dias e aflitiva situação que não poderemos antecipadamente medir em toda a extensão da sua horrivel grandeza.

E, todavía, ha quem escreva inconsciente ou calculadamente, contra o que, em qualquer dos casos, protestâmos, esta parvoice:

Cada vez se acentúa mais a bôa impressão que no espirito publico causou a noticia de que Portugal está organisando um corpo expedicionario de tropas para seguir para o teatro da guerra.

Chega a ser imbecil!

RECTIFICAÇÃO

O autor do comunicado insérto no ultimo numero deste jornal com o titulo—*O govêrno civil de Aveiro*—solicitanos que, na interrogação—*Querem dar fóros de legalidade a estas subtracções?*—substituâmos a palavra—*subtracções*—por—*sobretaxas*—que é como está no original.

Como nos cumpre, aí fica a emenda pedindo desculpa do erro ter escapado á revisão.

Films...

D. Ubaldo

Dada a morte deste socialista hespanhol, vitima de um *procopio* que se lhe atravessou no coração, alguem nos pergunta que qualidade de bicho é esse que ainda depois de engulido dá ao rabo como qualquer sardanisca partida ao meio.

Fala bem o nosso interlocutor; o peor é que não sabemos responder-lhe visto para nós ser inteiramente desconhecida a escala zoologica dos animaes peçonhentos.

Novas inspecções?

Tem corrido com a maior insistencia que vão ser feitas, dentro em breve, novas inspecções aos mancebos julgados inaptos para o serviço militar desde o ano de 1901 visto ter-se apurado que em algumas partes republicanos existem que usam dos mesmos processos de que se serviam os monarquicos para conseguirem votação.

O que é lamentavel é que os membros das juntas se deixem corromper. Se não fôra isso veriâmos como até acabavam as baixa-negociatas que tanto dinheiro déram por esse país além, e mórmente no distrito de Aveiro, aos gafados sem dignidade nem sentimentos.

Só dêle

O *Camaleão*, que muito bem representa nesta cidade o republicanismo da corja da Vera-Cruz, voltou á balha, censurando agora o sr. comissario de policia por este não ter mandado policiar as romarias da Costa Nova e da Barra—*onde ha quasi sempre scenas de desordem provocadas pelo vinho.*

Mas o que terá o sr. comissario com isso? Não pertencerão ao concelho de Ilhavo essas duas praias e portanto á autoridade administrativa o encargo de velar pela segurança publica? Sem duvida. Contudo, *Bichêsa* por alguma coisa se quer salientar e então salienta-se pela sua estupidez, que não é pequena.

Parabens aos *pardos* da Vera-Cruz.

Curiosidade...

No dia 5, data da proclamação da Republica, esteve içada em todos os edificios do Estado existentes na cidade, a bandeira nacional, havendo, porém, pessoas que repararam que ela não tivésse aparecido a flutuar no mastro da agencia do Banco de Portugal. E perguntam-nos qual sería o motivo.

Está bôa, essa. O motivo só os agentes o pódem explicar, atribuindo-o, quando mais não seja, a... esquecimento...

Plagiando

Afinal, aquela do compositor da gasêta de Ilhavo dizer que D. Ubaldo Romero Quiñones *devia, por cérto, ter morrido com o seu Procopio atravessado no coração*, não passa dum simples plagiato. Ele proprio o confessa. Deu-se uma figura, *empregada até pelo velho Alexandre Dumas*, o que equivale a dizer que o figurão se serve do que é dos outros para se impôr... *pelo seu talento...*

Conheciamos a *prenda*. Todavía não tanto que achassemos capaz de se mostrar tão imbecil o pretendido coléga do Rosalino.

E' mesmo chapado.

Vamos bem

Por determinação superior foram autorisados a fazerem exame de admissão á Escola Normal todos os candidatos que próvem já ter completado ou virem a completar 14 anos de edade até 31 do corrente, isto por se acharem ao abrigo do despacho ministerial expressamente feito para favorecer os pequerruchos.

Com tal andar... para traz ainda chegâmos a tempo de vêr, na instrução primária, professores... de cuécas.

E não hade tardar muito.

O premio

A *Ordem do Exercito*, 2.ª série, saída esta semana, impõe, a dois oficiaes que desrespeitaram com palavras e géstos as instituições vigentes, penas que vão de tres dias de prisão disciplinar a trinta de prisão correcional.

Contudo, milicianos que exploram mancebos recebendo dinheiro pelo seu livramento do serviço militar, ficam impunes porque são... republicanos *democraticos!*

Bate cérto.

"O Democrata,,

Recomeça hoje a sua publicação semanal este periodico que a falta de papel obrigou a uma forçada interrupção de alguns numeros. Ainda mesmo que o nosso fornecedor deixe de satisfazer a encomenda em seu poder, até ao fim do ano, felizmente conseguimos já papel que nos habilita a garantir a saída do "DEMOCRATA,, por mais algum tempo, o suficiente, talvez, para suprir qualquer falta que por ventura ainda se possa dar.

Que os nossos assinantes e anunciantes nos relevem todas as alterações a que nos obrigue o momento critico que atravessâmos.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Saudando Portugal e a bandeira da Republica

Com intervalo de dias, entraram no porto de Lisboa duas grandes unidades navaes, que em nome dos seus respectivos países viéram saudar a nação portuguêsa.

Foram elas os cruzadores couraçados *Argonaut*, conduzindo o contra almirante De Robeck, que em nome da Inglaterra, nossa aliada, veiu ao Tejo demonstrar ao mundo inteiro a estreiteza e valor das nossas relações e por sua vez a França, representada por um dos seus melhores cruzadores, o *Dupetit Thouars*, que em 5 do corrente, aniversario da Republica, veio saudar o regimen que resultou da gloriosa revolução de 1910.

De altissima significação estes factos, não podemos deixar de regista-los com o desvanecimento que avassala o coração de todos os bons portuguêses, que justamente se orgulham de ter a democracia levantado bem alto o prestigio de Portugal.

A população de Lisboa fez aos comandantes e oficiaes dos dois vasos de guerra uma entusiastica recepção que, não só pelo numero como pela nota vibrante, atingiu proporções poucas vezes igualadas.

A um oficial inglez provocou ela a seguinte frase: *se entrassemos em Londres, vencedores duma batalha naval, não seríam mais entusiasticas nem mais fervorosas as aclamações do que estas.*

Os comandantes receberam e retribuiram os cumprimentos do govêrno, indo, após as visitas aos ministros das suas respectivas nacionalidades, saudar o venerando chefe do Estado, dr. Manuel de Arriaga, em seguida ao que se efectuou o embarque levantando imediatamente ferro o *Arganaut* para o atlantico, onde faz o seu cruzeiro, e o *Dupetit Thouars* para o mediterraneo a juntar-se á esquadra a que pertence.

Quando o *Argonaut* se encaminhava, rio acima, rodeado de embarcações sem conta, para fundear no sitio que lhe estava indicado, foram tambem ao seu encontro os membros da comissão executiva eleita na Universidade Livre, promotora da homenagem de simpatía á Inglaterra, que entregaram ao contra-almirante De Robeck a seguinte mensagem:

Senhor Almirante e senhores oficiaes

O Povo Português não sauda apenas, nos oficiaes da gloriosa marinha de Sua Magestade Britanica, o povo inglês, seu aliado de seculos. Nésta hora tormentosa para a Humanidade a Inglaterra surge como defensora dos direitos dos Povos combatendo ao lado da França, da Belgica e da Russia contra a barbarie militarista e devastadora que não respeita as mais solénes convenções internacionaes, as quaes representam compromissos de honra perante a Historia. O povo português sauda em vós, ilustres oficiaes, a Nação Inglêsa, o seu Soberano, os seus bravos soldados e marinheiros e recordando orgulhosamente os dias em que as tropas portuguêsas combateram ao lado das tropas inglêsas, deseja ardentemente a vossa vitoria e afirma que, em qualquer momento, se encontra decidido a cumprir os seus deveres de amigo e de aliado.

Viva a Inglaterra!
Viva a aliança luzo-inglêsa!

De Robeck, cheio de comoção por as manifestações recebidas, diz:

Eu recordo com jubilo ter admirado já, a bordo dum outro navio de guerra britanico, o panorama radiante do vosso rio. Ha vinte e sete anos que por aqui passei pela primeira vês, o que significa dizer que vem de longe a minha admiração pelo povo désta capital.

Tudo difere do passado, com relação ao presente. Mas hoje, como ontem, nós estamos cértos dos sentimeutos da nação portuguêsa. A Inglaterra, como ha cem anos, procura dar a tranquilidade e a paz á Europa, e não esqueço que nêsse passado tormentoso dividimos com os portuguêses o quinhão déssa honrosa tarefa. Bate-se a Inglaterra pela liberdade, pela justiça e pela paz, e, néssa missão, não haverá hesitações nem desfalecimentos. Os meus agradecimentos mais sincéros pelas homenagens do povo português.

Ao comandante do cruzador francês, Mr. Gervais, entregou egualmente a comissão da Universidade Livre a mensagem que segue e é aqui da mesma sorte arquivada como documento historico:

Sr. comandante e srs. oficiaes

A presença do cruzador francês Dupetit-Thouars *nas aguas do Tejo, no momento em que um formidavel cataclismo politico, revolvendo a Europa inteira, força os povos a manifestarem as suas simpatías mutuas ou as suas antipatias reciprocas, demonstra de uma maneira clara e eloquente que a França republicana faz justiça aos sentimentos de nobreza e de solidariedade da Republica Portuguêsa, sua irmã mais nova. De facto o povo português, através de todas as vicissitudes e de todos os equivocos, nunca deixou de amar enternecidamente a França democratica, jámais deixou de vibrar de dôr ou de entusiasmo perante os seus infortunios e as suas glorias. Quando o presidente Loubet visitou Lisboa em 1905, uma imensa multidão aclamou-o freneticamente aos gritos de—* Viva a Republica Francêsa! *—ao atravessar as ruas désta cidade num coche real, ao lado do falecido rei Carlos. Esses gritos traduziam as esperanças redentoras do povo português. Já então na alma portuguêsa surgiam indissoluvelmente unidas as duas democracias latinas. Portugal é, peló seu espirito, pela sua educação e pelos seus costumes, o país que mais se parece com a França. As afinidades entre os dois povos são profundas. A grande Revolução francêsa foi a fonte inspiradora da Revolução portuguêsa, cujo 4.º aniversário nos orgulhamos de celebrar nêste dia, com o testemunho dos representantes da briosa marinha de guerra da França, numa comunhão de legitimas aspirações e de nobilissimos sentimentos de liberdade e de justiça.*

Viva a Republica Francêsa!
Viva a civilisação latina!

Como resposta, as unicas palavras proferidas pelo capitão Gervais, a quem os olhos se lhe marejaram de lagrimas, foram:

— *Vive Portugal!*

Que ao menos estas visitas, por de mais significativas no momento altamente historico que atravessâmos, sirvam para dar força a todos quantos combatem pela causa da Liberdade, pelo triunfo da civilisação.

ANIVERSARIO DA REPUBLICA

Foi festejada no dia 5 em todo o país a data que, marcando o quarto aniversario da revolução republicana de 1910, acordou no povo as horas de anceio e de luta que então sofreu.

Ainda que desviada a favor dos feridos da guerra a verba de cinco mil escudos destinada ás festas comemorativas em Lisboa, nem por isso elas deixaram de ter o brilho que era de esperar e que foi coroado com a presença do couraçado francês *Duptit Thouars* expressamente enviado ás nossas aguas para saudar a bandeira verde-rubra.

Houve tambem uma parada militar na Avenida da Liberdade a que assistiu o venerando chefe do Estado, sendo as manifestações produzidas por essa ocasião as mais impressionantes e altamente patrioticas que o povo consagrou á Patria e á Republica.

Entre nós, os festejos limita-

ram-se ao embandeiramento dos edificios publicos, tocando á noite, em frente aos Paços do Concelho, cuja fachada iluminou a gaz, a banda de infanteria 24, que, por sinal, se acha reduzida a 16 figuras, numero insuficientissimo para que se possa apresentar em publico, o que de novo nos leva a pedir ao ilustre comandante providencias no sentido de a colocar á altura da corporação que, com toda a justiça, conquistou entre os aveirenses um logar de merecido destaque.

Na Barra, e por iniciativa dos nossos amigos João Rosa, Antonio Maria Duarte e João Gamélas tivéram egualmente logar algumas demonstrações festivas, se bem que no frontispicio da entrada do farol ainda se conserve um simbolo monarquico que nada autorisa que se mantenha.

Não poderão os nossos correligionarios fazer com que ele seja apeado?

PELA IMPRENSA

Alvorada.—Entrou no seu 5.º ano de existencia o nosso brilhante coléga de Guimarães cujo titulo ensima estas linhas.

Militando desde o primeiro dia que viu a luz da publicidade nas fileiras dos que, com entranhado amor, defendem os verdadeiros principios republicanos, a *Alvorada* tem-se distinguido por fórma a merecer não só a simpatía dos democratas convictos e sincéros como ainda a de todas as pessoas de bem que avaliam do esforço que é necessario manter para conservar aquêle espirito de independencia e rectidão proprio dum jornal sem a preocupação de agradar *a toda a gente* e isso nos leva a expressar-lhe as maiores manifestações de solidariedade, felicitando-o e desejando-lhe longa e prospera vida.

=Tambem o **Jornal de Alemquer** acaba de festejar o seu primeiro aniversário, que passou a 5 de Outubro.

Fundado para combater a politica de facção existente naquêle concelho á data do seu aparecimento, póde o nosso coléga orgulhar-se de ter conseguido muito em prol da causa que defende, pois nas dedicações creadas, de que é exuberante prova os melhoramentos agora introduzidos, está o verdadeiro triunfo alcançado num ano de luta pelos bons principios.

Afectuosamente o cumprimentâmos.

— Tomou nova orientação politica, filiando-se no partido evolucionista, o nosso coléga *Correio da Feira*, que desde a implantação da Republica esteve ao lado do sr. dr. Afonso Costa de quem se afastou ha pouco para se tornar independente.

Desgostos profundos devem ter determinado uma tal resolução do jornal feirense deante da qual nos curvâmos sem mais comentarios.

Vandalismo

No cemiterio do Outeirinho, freguezia das Aradas, apareceu despedaçado, sem que por emquanto se saiba quem fosse o autor da proêsa, o mausoleu mandado construir pelo nosso amigo sr. Alberto João Rosa, activo negociante da praça de Aveiro.

E' até onde póde chegar o odio de cértas creaturas, naturalmente que mais temem a Deus! Alberto Rosa é republicano, como tal se apresenta e para dizer que vai á missa do vigario, não, porque sería faltar á verdade. Pois agora sofre-lhe as consequencias. O mausoleu, que devia ser uma coisa sagrada, lá se acha partido nuns poucos de bocados como se o feito fosse coisa que honrasse alguem com figura de gente ou que, pelo menos, se lhe assemelhe.

Sempre ha cada malandro!

Escola Fernando Caldeira

Foi superiormente autorisada a matricula no 1.º ano do curso elementar do comercio, que este ano começa a funcionar junto da *Escola Industrial Fernando Caldeira*, como em tempo fôra instantemente solicitado ao govêrno.

Todos os esclarecimentos para a admissão de alunos serão dados na secretaría desde as 11 horas ás 13 e das 19 ás 21.

Por Vagos

=(*)=

O administrador do concelho é incompativel com os elementos liberaes

Hoje podemos dizer abertamente que o administrador do concelho de Vagos só por engano podia ser nomeado para aquele cargo que, a nosso vêr e de todos os republicanos, unicamente deve ser ocupado por cidadãos que representem garantia segura da Republica.

O administrador de Vagos, além de ser um *amigo dos diabos*, da Republica, é tambem a incompetencia mais completa que imaginar se póde. E daí a série de dislates que tem cometido, alguns dos quaes são de extrema gravidade para o regimen.

Conheciamos as convicções politicas do administrador de Vagos; sabiamos que o seu passado politico não era de molde a contribuir eficazmente para o bom desempenho do cargo que imprevidentemente lhe confiaram.

Em todo o caso era de esperar que ele ao ser nomeado para desempenhar um logar da confiança da Republica, compreendesse a sua situação e esquecesse por completo o seu passado politico que, até á data da sua nomeação, era o dum autentico monarquico.

Não sucedeu, porém, assim.

Indo para Vagos, a reacção tomou conta dele.

Aquéla farça, cujo protoguista principal é o célebre padre Bazilio com comparsaria daquéles que, em Vagos, se notabilisaram por uma bomba, éssa farça a que eles chamam *questão religiosa*, tem sido protegida descaradamente pelo administrador daquele concelho.

Os atropelos á lei por esse padre são constantes, como constantes são as infamias que ele vomita contra a Republica e republicanos.

No entanto este padre, que por rebelião já foi castigado pela Republica, é *persona grata* do administrador do concelho de Vagos. Dir-se-á mesmo que o administrador é um simples subalterno desse tonsurado não obstante ele ser um inimigo figadal da Republica e que é o principal elemento da discordia na vida politica de Vagos. Desaparecendo o padre Bazilio, outrosim desaparece a trapalhada que dizem *questão religiosa*.

Ha em Vagos uma associação de beneficencia, conhecida vulgarmente pela *Misericordia*, cuja mêsa ou direcção tem semeado a discordia entre os associados. A direcção déssa agremiação arrogou-se já, mesmo, o direito de coartar as regalias que, pelos estatutos, são garantidas áquelas associados que não são seus partidarios, isto é, que não são monarquicos, tendo praticado outras proezas dignas de censura e de protesto. Da capéla déssa associação fez o padre Bazilio uma egreja matriz, onde pratica actos do culto expressamente proíbidos pela Lei da Separação.

Na mesma vila ha tambem a associação cultural, legalmente constituida, e que por isso mesmo póde superintender nos negocios do culto.

Pois bem. Que faz o administrador? Da *Misericordia*, da qual o padre Bazilio fez ponto estrategico para uma politica reacionaria e de odio, com o consentimento da direcção, o administrador daquele concelho é um desvelado protetor, pronto a cobrir com a sua autoridade os actos contrarios á lei e prejudiciaes á Republica. No entanto da associação cultural, legalmente constituida e que se tem mantido numa atitude corréta e procedido com tolerancia demasiada, o mesmo administrador é um obstinado inimigo, procurando todas as ocasiões para protelar as suas reclamações e mesmo opôr-se a élas.

Não póde ser.

O administrador devia ser o primeiro a reconhecer que a sua permanencia no cargo para que foi nomeado e no qual tem dado sobejas provas de incompetencia, é já intoleravel. Mas já que tal não sucede é dever nosso dizer-lhe muito francamente que tem de abandonar esse cargo. Não se trae impunemente a missão que dedicadamente lhe confiaram.

O JOGO

=(*)=

Apezar das noticias que aparecem nos jornaes sobre a repressão do jogo, este continua desenfreado póde-se dizer que em todo o país.

Só em Lisboa lêmos que funcionam 200 roletas, chegando a *cordealidade* do govêrno até ao cumulo de permitir que se jogue ao ar livre, como sucedeu, por exemplo, na Barra e Costa Nova, nos dias em que lá se efectuaram romarias, consentindo as autoridades néssa exploração ignobil, que a maioria dos republicanos reprova, e a propria lei não autorisa, se é que foi promulgada para ser cumprida.

Na Barra, onde está o sr. governador civil de Aveiro, chega mesmo a jogar-se num edificio do Estado, que serve de assembeia, e no qual se dão sessões de roléta e monte, se não todas, quasi todas as noites, deixando-se assim de realizar os costumados *cotillons*, segundo nos informam.

Emfim, a acção do govêrno merece, nêste particular, as mais acres censuras pelo desleixo que representa a sua atitude quanto á repressão do jogo de azar, proíbido por lei, parecendo até que houve manifesto proposito em o consentir, tão tolerantes se mostram as autoridades para com todos os que dêle fazem modo de vida.

Se foi para isto que se gastou tanto tempo a discutir o problêma do jogo em Portugal mais valia terem-no regulamentado porque era mil vezes preferivel ao que se está vendo e que, por imoral, não tem desculpa.

POMPEU ALVARENGA

De excelente saude e acompanhado da sua esposa chegou ao continente da Republica, vindo do Congo Belga, este nosso presado amigo e conterraneo.

Pompeu Alvarenga, a quem o *Democrata* é devedor de inequivocas atenções e deferencias, jámais olvidadas, conta demorar-se algum tempo entre nós, o que registâmos com prazer, pois o considerâmos um aveirense digno pela sua honestidade e primorosos dotes de caracter, qualidades que, não sendo unicas, o distinguem, tornando-o estimado pelos seus numerosos amigos.

Daqui é enviado a Pompeu Alvarenga um cordeal abraço de bôas vindas para juntar a tantos outros que a esta hora deve ter recebido.

Portugal e a guerra

=(*)=

Manifestação ás legações da França e da Belgica

A manifestação promovida pela Universidade Livre para ir junto dos representantes da França e da Belgica protestar contra as atrocidades cometidas pelos alemães, têve logar no domingo passado em Lisboa, néla tomando parte milhares de pessoas.

Em ambas as legações foi entregue aos respectivos ministros o seguinte protesto, que bem merece arquivar-se não só por quanto êle significa como ainda pela elevação de espirito com que está redigido.

Diz esse documento:

Excelencia:

A sciencia criminologica não assinala apenas individuos isolados como casos de insanavel loucura moral: prevê e aponta, tambem, morbos colectivos, em que éssa loucura, pelos multiplos recursos de que o doente dispõe, conduz aos mais desastrados e horriveis efeitos.

A Alemanha constitue um caso tipico de loucura moral, caracterisado pela megalomania e pelas tendencias criminosas, agravadas por uma irreprimivel falta de escrupulos. Já Tacito dizia que os germanos se esfaqueavam sem motivo.

E, na verdade, eles manifestaram sempre instintos perversos, postos ao serviço de uma ambição desmedida, que déram éssas invasões com que têem ensanguentado e feito retroceder a Europa Ocidental, sendo a mais tremenda a que determinou a ruina da Civilisação Romana e a anarquia da Idade Média Feudal.

E, como se não bastassem os impulsos atavicos para constituirem a Alemanha num permanente perigo internacional, ainda alguns dos seus filosofos proclamam a imoral doutrina de que o Exito faz a Lei, alguns dos seus pedagogistas infiltram, pela Educação, o egotista principio da subordinação do mundo inteiro a esse nefasto imperio; muitos dos seus politicos preconisam a dissolvente divisa—*La Force prime le Droit*, e diversos dos seus escritores militares sustentam, sem o minimo fundamento, a razão de ser do aniquilamento total dos países inimigos.

Os frutos désta orientação e a manifestação daquéla inferioridade apareceram agora, mais uma vez, constatados nas monstruosas atrocidades perpetradas pelo vandalismo germanico, com audaz, sistematico e cinico despreso do Direito e Convenções Internacionaes, no que teem de mais nobremente humano, e dos proprios preceitos da Honra, pois que os hospitaes, os feridos, as vidas inermes de velhos, mulheres e creanças, a propriedade particular e preciosas riquezas artisticas e bibliograficas têem sido, ferozmente e com requintes de cobardia, sacrificadas a um negro ideal de destruição, de assassinio e de pilhagem.

E para em tudo se parecerem com os conquistadores barbaros, os alemães até reduziram a uma perfeita escravidão os cidadãos pacificos que arrebataram de cidades, ingloriamente destruidas.

Tão estranhos e pavorosos atentados á Civilisação Moderna abalaram profundamente a Alma Portuguêsa, que tambem palpita numa raça de heroes, mas de heroes que arrancaram dos mistérios da lenda e do desconhecido as maiores regiões do globo, sem nunca terem feito da guerra um recurso economico, nem da nobreza das armas o bandoleirismo de antecipadas e esmagadoras contribuições sobre cidades vencidas, nem da bravura o facinorismo dos morticinios e dos arrazamentos, e tão sómente no santo apostolado de chamar a éssa Civilisação povos que muito contribuiram para a sua florescencia e poderio.

Por isso, Senhor Ministro, as Academias de Sciencias, as Escolas Superiores, as associações scientificas, literarias e artisticas, a Maçonaria, a Imprensa, a Liga Anti-Germanica, as agremiações agricolas, industriaes, comerciaes e operarias e outras colectividades consagradas á defêsa e ao progresso de Portugal, reunidas, sobre uma unisona vibração de sentidissima revolta, veem apresentar a Vossa Excelencia o seu mais caloroso, indignado e soléne protesto contra os crimes hediondos de que teem sido teatro a Belgica e a França, especialisando a destruição da Bibliotéca e da Universidade Catolica de Louvain e da Catedral de Reims, crimes que, para sempre, aviltarão o prussianismo, perante o Tribunal incorruptivel da Historia.

Lisboa, 4 de Outubro de 1914.

O Presidente da Comissão Executiva

Teofilo Braga

Os Vice-Presidentes

Magalhães Lima
Alfredo Schiappa Monteiro
Antonio Cabreira

Os Secretários

Marinha de Campos
Augusto Antonio Pedro dos Santos

Os Vogaes

José da Costa Pina
Jorge Saavedra
Cardoso Gonçalves
Raul de Almeida
Nogueira de Brito
Matos Sequeira
João Carlos Marques
Armando Simões
Eduardo Santos

DELEGADO DA COMARCA

Vindo de Ovar onde se revelou um magistrado consciencioso e sabedor durante o tempo que exerceu as funções de agente do Ministério Publico, encontra-se agora em Aveiro, no logar vago pela saída do sr. dr. Adolfo Coutinho, o nosso velho amigo e antigo companheiro de escola, dr. Adriano Amorim, cuja posse lhe foi dada ontem, assistindo várias pessoas das suas relações e amisade, empregados de justiça, etc.

O dr. Adriano Amorim, que alía á sua inteligencia qualidades de caracter muito apreciaveis, hade, decérto, saber conduzir-se por fórma a honrar o espinhoso cargo em que se acha investido nesta cidade e por isso não só o felicitâmos ao vê-lo entre nós, conforme os seus desejos, como dâmos os parabens á comarca que nele possue um integro magistrado, cavalheiro atencioso, delicado e cumpridor dos seus deveres.

Incendio

Na séde da proxima freguezia de Esgueira houve no domingo um violento incendio que em pouco tempo reduziu a cinzas o estabelecimento de padaria e mercearia pertencente aos srs. Alvaro Simões da Silva e José Maria Aleluia sem que sortissem efeito os esforços empregados para dominar o fogo.

Eram perto de 3 horas quando foi dado alarme nésta cidade, marchando a toda a pressa as duas companhias de bombeiros para o local do sinistro onde chegaram tardiamente pela distancia a vencer. Ainda assim dizem-nos que prestaram relevantes serviços trabalhando com denodo na defêsa dos predios contiguos, ameaçados de serem tambem devorados pelas chamas. Apezar de terem sido salvos bastantes haveres, os prejuizos calcula-se que sejam avultados, talvez superiores a 500 escudos, fóra o predio. Nada estava no seguro pelo que se torna duplamente lamentavel o sinistro cuja causa só a nm descuido póde ser atribuida.

Ao sr. comissario de policia

Queixa-se-nos o sr.º Candido da Cunha Madail em cárta, que nos enviou de Esgueira, do máu serviço dum civico, que, tendo-o encontrado de bicicleta na noite de 27 de setembro, com tal violencia o fez caír da maquina, que ainda hoje se encontra com várias escoriações pelo corpo e isto por não levar lanterna devido a juntamente ir um companheiro com éla acêsa, o que julga bastante para assegurar o livre transito pelas ruas. Acrescenta que em Lisboa, onde vive, os ciclistas pódem viajar de noite sem lanterna com tanto que um só dos que faça parte de qualquer grupo a conserve acêsa durante o percurso.

Para o caso chamâmos a atenção do sr. Filinto Feio cértos de que indagará sobre a ocorrencia, ministrando justiça a quem merece que se lhe faça.

Notas mundanas

No principio do mez ultimo consorciou-se em S. Paulo, E. U. do Brazil, o nosso correligionario Carlos Freire, com a senhorita Lidia da Silva Varéla, filha do abastado capitalista e proprietario, sr. Manuel da Silva Varéla.

Aos noivos desejâmos um futuro repleto de felicidades.

=Retirou do Forte da Barra para Moimenta da Beira, o nosso amigo, sr. dr. Simão José, que nésta comarca desempenha com inteligencia e criterio as funções de agente do Ministério Publico.

=Chegou ao Rio Grande do Sul bastante encomodado de saude, o sr. Guilherme Francisco Luiso, que, como noticiámos, saíu de Nariz a juntar-se a pessoa de familia que vive ha anos nos E. U. do Brazil.

Sentimos e desejâmos as suas rapidas melhoras.

=Vindos da Costa Nova já se encontram nésta cidade, com suas familias, os srs. Manuel Cunha, major Rosa Martins, Inacio Cunha, Carlos Mendes e as sr.as D. Rosalina Alves Fontes, D. Maria Ludovina Gamélas, D. Eugenia Simões e D. Ludovina Gamélas e Costa.

=Da mesma praia seguiram para Coimbra a sr.ª D. Leopoldina Viana, para Fafe o sr. João de Oliveira Fráde, para Eixo o sr. dr. Eduardo Moura e para Santarem o sr. Justino Costa.

=Têve logar em Ilhavo, no dia 3 do corrente, o auspicioso enlace da sr.ª D. Piedade Gomas da Rocha Madail, gentil filha do sr. dr. Manuel Maria da Rocha Madail, digno oficial do govêrno civil désta cidade, com o sr. dr. Amadeu Barata, advogado e professor do liceu de Vizeu.

Muitas felicidades.

=Inesperadamente, embarcou com destino ao Rio de Janeiro, o nosso amigo José Pinheiro de Almeida, solicito correspondente do Democrata *em Ois da Ribeira, que têve a amabilidade de vir dar-nos o seu abraço de despedida.*

Conta demorar-se pouco e assim nós lhe desejâmos uma boa viagem e feliz regresso.

=Completou o terceiro ano dos liceus a sr.ª D. Maria Mesquita, que nésta segunda época de exames fez a ultima prova de matematica em que tinha ficado esperada.

Parabens.

=Partiu para a Torreira o sr. Manuel Simões de Oliveira, que ali se demora até ao fim do mez.

=Com sua esposa e filhos está na Costa Nova o sr. Manuel Francisco Braz, rico proprietario da Povoa do Valado a quem a instrucção deve já importantes donativos.

=Tambem na mesma praia se acha com sua familia o sr. dr. Eugenio Couceiro, medico na Mealhada.

=Estivéram ontem em Aveiro os srs. João Maria Henriques, de Veiros e Clemente Nunes de Carvalho e Silva, de Eixo.

=Adoeceu, inspirando o seu estado sérios cuidados, o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Encerramento duma fabrica

Devido, ao que parece, á má administração, fechou, na Gafanha, a fabrica de refinação de sal que ali tinha sido montada por alguns individuos désta cidade.

Corre que o passivo se eléva a mais de 20 contos, o que devéras afecta, na sua economia, vários que para éla tinham dado os seus capitaes, além dos que concorreram com a sua firma, por méro favor, para levantamentos de dinheiro na Caixa e no Banco.

A cultual e o administrador de Oliveira de Azemeis

XI

Para a sentença final, que ha-de vir não muito longe, vou sempre nas colunas deste jornal apresentando, em arquivo, os factos que constituem o procésso sobre que se baseará o *veridictum* desse juiz incorrutivel, que se chama a consciencia colectiva dum povo livre, independente e patriota.

Serei eu o escrivão desse procésso; o *Democrata*, o cartorio publico.

A mim ninguem terá a ousadia de tentar torcer a penna para alterar a verdade ou omitir qualquer frase do depoimento das testemunhas inconfundiveis, que são e continuarão a ser os factos consumados; ao *Democrata* ninguem lhe assaltará as suas colunas para, ocupando-lhe todo o espaço, não ter um cantinho para oferecer á justiça popular.

Eu, pequeno mas firme soldado da Republica, jámais atraiçoei as doutrinas desse nobre Ideal; o *Democrata*, o eterno paladino do povo oprimido e velipendiado, jámais deixará de abrir, com toda a franquêsa, o seu seio para receber as suas queixas, as suas lagrimas.

Quem poderá, pois, pensar na absolvição desses grandes criminosos, que, em desplante velhaco e em vozearia nojenta, correm pressurosos para os cofres da Nação e para a alcova da joven Republica, para encher naqueles as suas algibeiras e nesta dar largo pasto aos seus negocios brutaes?

Só os democraticos teutónicos, os republicanos monarquicos, os liberaes reaccionarios pódem acalentar essa esperança.

Os verdadeiros republicanos, os sincéros democraticos, os apaixonados liberaes confiam, plena e tranquilamente, no juiz supremo, desta causa; tem fundadas esperanças no futuro.

Estes sabem perfeitamente que, ultrajada ou destruida a Republica, o país asfixía e morre. O seu patriotismo impeli-los-ha para a luta, não olhando a sacrificios. Neles não se esconde o interesse mesquinho do gatuno, nem no seu peito tem guarida o punhal hediondo da traição. Revoltou-se contra estes predicados que são os pergaminhos da neo-aristocracia e a bagagem dos renegados e falsos portuguêses.

São republicanos que ambicionam o cumprimento integral e igualitario das leis da Republica, a vitoria dos Direitos do Homem, o aniquilamento da autocracia. São portuguêses leaes e não falsarios que, muitas vezes por mêdo, em publico escondem o seu teutonismo. Dão a vida pela Patria e pela Republica; não esboçam planos de enriquecimento á custa da perda do brio, da honra e da independencia da nossa nacionalidade. O seu exterior espelha fielmente a alma; não escondem, nas frases de amor e nas côres vivas do vestuario, o seu sentimento, a sua aspiração. São altivos e destemidos crentes dum Ideal; não são judas dum apostolado.

Para os verdadeiros republicanos a sua assinatura representa a sua dignidade. Não assinam hoje um documento para ámanhã o vergastar com o seu protésto. Não combatem agora uma causa para logo a abraçar. A sua palavra é uma das manifestações da sua honra.

Não são como esses oliveirenses que, depois de terem assinado os primeiros estatutos da cultual, assinaram um documento declarando que não eram cultualistas. Não são como esses oliveirenses que, mostrando-se adversarios das associações cultuaes, se esforçaram por arranjar uma cultual em Oliveira. Não são como esses oliveirenses que, dizendo-se democraticos e republicanos, ambicionam a vitoria da autocratica Alemanha e espesinham as leis da Republica, empunhando as leis do Vaticano Não são, finalmente, como esses oliveirenses que, apregoando o seu acendrado amor pela Patria, a todos os momentos a insultam e por todos os meios trabalham para Portugal desaparecer do mapa da Europa.

Um republicano sincéro não aceita conesias nem se comuna com os monarquicos e reaccionarios para os auxiliar na sua obra nefasta, obra de desmoralisação e de falcatruas e de roubalheiras.

Todo o republicano convicto levanta bem alto o seu protésto quando num logar de confiança se anicha um homem que só confiança merece dos nossos adversarios e dos nossos inimigos. Refiro-me ao atual administrador do concelho, presidente da câmara, que sempre foi um reaccionario, um *talassa*, como outr'ora o atestam os trabalhos das incursões monarquicas e ainda hoje a sua convivencia intima, familiar, com o chefe do futuro movimento monarquico neste concelho.

Este douto administrador, que tem por secretario particular o bem conhecido barbeiro, eterno aspirante á regedoria monarquica desta vila, e que mendigou um atestado de democratico para arranjar um emprego, foi a celebre autoridade que, na ocasião do casamento do padre Serodio, se preparava, com as forças dum telegrafo permanente, para saciar o seu odio de monarquico no sangue de republicanos, que sempre pela Republica se teem sacrificado.

Sim, era essa autoridade administrativa, simultaneamente patrão e empregado, que, protegida por um ministro e por um governador civil, de braço dado com o *presidente da comissão municipal democratica deste concelho* preparava o massacre de alguns defensores da Republica!

E' a cordealidade concelhia de solideu, não ha duvida.

Como é revoltante e nojento tanto embuste e tanta traição!

Não haverá uma sentelha de dignidade nos altos funcionarios da Republica vigente para punir esses crimes de lesa elevação moral, castigar os traidores á Patria e á Republica?

Um novo e nacional S. Barthelemy é o sonho mais ardente dêsses vampiros, dêsses salamandrinos escravos da alma dum fráde.

6 | X | 914.

Lopes de Oliveira
(Medico)

Necrología

Com 23 anos apenas e após doloroso e prolungado sofrimento, faleceu no dia 29 de setembro, em Albergaria-a-Velha, o sr. Mario Ferreira, filho estremoso do sr. Patricio Inacio Ferreira, capitalista, que durante bastantes anos viveu nésta cidade, e irmão dos srs. dr. Jaime Ferreira, presidente da câmara de Albergaria e tenente Gaspar Ferreira.

O infeliz Mario, que socumbiu aos estragos da tuberculose, sendo infrutiferos todos os esforços para o salvar, tinha conquistado pelo seu trato afavel e fina educação, muitas e arreigadas simpatías, constituindo por isso o seu funeral uma verdadeira manifestação de pezar tão avultado foi o numero de pessoas que nêle se encorporaram pertencentes a todas as classes sociaes do concelho.

Fazendo parte da redacção do nosso coléga *Jornal de Albergaria*, Mario Ferreira tem ainda a prantea-lo os seus antigos companheiros, em frases sentidas, repassadas da mais profunda dôr, e que traduzem bem a grande saudade que a todos deixa o desventurado mancebo. E' éssa uma homenagem merecida, a que nos associâmos, enviando daqui a todos quantos intimamente choram a perda do pobre Mario, mas especialmente a seus inconsolaveis paes e irmãos, a expressão do sentimento a que nos obriga a infausta noticia recebida.

=Acha-se de luto por morte de sua veneranda mãe, que em Lisboa sucumbiu ultimamente, a sr.ª D. Clara Mendes Leite, respeitavel senhora da sociedade aveirense a quem egualmente enviâmos os nossos pêsames.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Da praia

Costa Nova, 4

Amigos: sabem o que lhes digo? *Estou ido;* e posto que durante a minha estada aqui não enviasse noticias da Costa, *por falta de tempo*, agora sinto que uma força sobrenatural me arrasta á despedida até junto dos meus leitores deste paraiso que, saudoso, vou deixar, quem sabe se para sempre...

Adeante de mim já abalaram muitos daqueles que imprimiam á praia animação e lhe davam vida. O nunca esquecido Joaquim Paulo, foi-se; partiu o padre Alexandre de Carvalho, que apesar dos seus 70 o podemos considerar ainda rapaz, tão espirituoso se mostra, dependurado no seu interminavel charuto, no meio do rancho frequentador da D. Antoninha Sacramento. Ausentaram-se para as suas ocupações o José Guerra, o Manuel Marta, o Manuel Craveiro, o Andrade Sampaio, o dr. Gomes Estima, o Alexandre Coelho, o Mota Marques, o Jorge Aguiar e tantos outros, que eram a alegria da praia, os entusiastas propulsores de todos os divertimentos, os que animavam e movimentavam a poetica estancia balnear cuja ria nada ha que a eguale tão magestosa se nos apresenta com as suas multiplas embarcações e inefavel belêsa.

Tudo desertou. Parece que um vento de insania varreu a praia de lés a lés não lhe deixando sequer uma guitarra para acompanhar os inspirados versos que espontaneamente sáem de todos os peitos ao vêr partir, entristecidos, os melhores amigos da Costa Nova:

Eu não gosto, nem brincando,
Dizer adeus a ninguem,
Quem parte leva saudades,
Quem fica saudades tem.

Quem inventou a partida
Não sabia o que era amor,
Quem parte, parte sem vida,
Quem fica morre de dôr.

Até ao ano, até ao ano, são as ultimas palavras que se ouvem; mas o peor é que ninguem sabe se lá chegará.

As vidas estão tão curtas...

— Um amigo que, positivamente, não é o *mavioso vate* Antonio Maria Ferreira, enviou-nos, pelo correio, umas quadras, com todo o cabimento aqui, muito embora, em nota, o seu autor diga— *reservados os direitos do* vate *que não permite as reproducções.*

Não permite? Pois tenha paciencia: essa vontade não lhe faz o *Gualdino* ainda que pése á modestia incomensuravel do esclarecido trovador.

Seguem, portanto, os

CANTARES

O' praia da Costa Nova,
O' Costa Nova da praia:
Quando vir's o Samuel,
Cautéla!... segura a saia...

Nesta vida tudo passa,
E o prazer dura um momento;
Mas não passa o arroz dôce
Da Antoninha Sacramento.

Torradinhas com manteiga,
Nelas tenho o meu filé;
Mas nada chega a um fadinho
Cantado p'lo Simão Zé.

Rompe alegre o sol e dó;
E Arnaldo, loução, á frente,
Co'o seu cavalo marinho,
Finge, a sério, de regente.

Tomem nota, ó meus senhores:
O Felizardo chegou!
Tudo brinca, tudo dança,
Vai reinar quem não reinou.

O' luar da Costa Nova,
Pára aí, 'spera um instante,
Se queres vêr como é linda
A tricana minha amante.

Não faça ninguem banzé;
Maximo vai recitar:
«A' barriga, tres escudos!
Dama é porta; vou pagar.»

O' ria que vais correndo
Pelas areias além:
Guarda bem os meus segredos,
Nunca os contes a ninguem.

Padre-amigo: ao teu charuto,
Interminavel, inf'nito,
Hade a Costa inda erigir
Um monumento exquisito...

Adeus palheiros da Costa,
Adeus ria, adeus chinchada,
Adeus recordações todas,
Té á noba temporada.

Venha cá ti Cipriano,
A garganta já sequei;
Dê-me uma pinga do seu
Que é bom vinho... eu bem o sei...

— Muito concorrida e animada, devido ao bom tempo que tem feito, a romaria da Senhora da Saude realisada nos dias 26 e 27 do mez findo.

Não ha duvida que os festeiros, á frente dos quaes se encóntrava o velho Cipriano Mendes, capricharam este ano, levando acabo uma festa digna deles e da santa que se venéra para além da lomba. O fogo, queimado na vespera, tambem do afamado pirotecnico de Veiros, João Maria Henriques Junior, como fôra o das festas dos banhistas, produziu magnifico efeito lançado no extenso areal, conquistando o artista, que o confeccionou, novos louros com que póde apresentar-se em competencia com os mais afamados colégas.

Por iniciativa dos mercanteis houve no domingo á noite vistosa iluminação, ao sul, e na segunda-feira missa campal á borda do mar resada pelo secretário do sr. bispo de Angola, padre Maio. Esta, por constituir um numero de novidade, foi muito concorrida, acorrendo a presencia-la todos os banhistas e a maioria dos pescadores que trabalham nas companhas.

Não se deu durante as festas qualquer nota discordante pelo que podemos chamar a esta uma romaria ideial.

— A comissão que organisou os festejos do dia 20 de setembro, composta, entre outros, dos srs. João Pedro Amador, Manuel Craveiro, José Guerra, Silverio Amador, Manuel Marta, João Teles e Arnaldo Ribeiro, péde-nos que aqui deixêmos consignado o seu reconhecimento a quantos para eles concorreram de bôa vontade e bem assim que, por intermedio do *Democrata*, se tornem conhecidas as contas, cujo resumo é o seguinte:

RECEITA

Saldo do ano de 1913, entregue pelo sr. Antonio Maximo.	42$48
Produto da subscrição aberta	112$70
Soma.	155$18

DESPÊSA

Contas pagas segundo os documentos n.os 1 a 14	141$09
Saldo para o ano de 1915	14$09

Esta quantia foi ontem entregue pelo director do *Democrata*, tesoureiro da comissão das festas, ao nosso amigo sr. Augusto Guimarães afim deste a depositar no Banco e servir para auxiliar os festejos do proximo ano que os novos *mordomos* teem de fazer, segundo os *estatutos*...

E agora adeus. Lá fóra ouço, cortando o silencio da noite, a bandurra do Carlos Mendes e alegres canções de raparigas sobre as aguas prateadas da ria, que me avivam a saudade e me recordam a quadra duma jovial creadinha que durante os ultimos dias não tem cessado de repetir:

O' triste segunda-feira
Da semana que hade vir,
Quaes são os tristes olhos
Que te hão-de vêr partir?...

Segunda-feira é ámanhã. Esta, portanto, a ultima serenata para a qual volvo meus olhos em terno adeus á Costa Nova.

Gualdino

ALVITRE PATRIOTICO

—=(*)—=

De Lisboa recebemos a seguinte circular:

Sr. redactor

Agora que os nossos irmãos partiram para terras longinquas, prontos a sacrificarem o seu sangue pelo prestigio do glorioso nome de Portugal, é urgente e patriotico que todos os portuguêses, sem distincção de classes, o reconheçam, e um dever sagrado recompensa-los nas muitissimas agruras da vida, concorrendo definitivamente com um auxilio mutuo para que lhes não falte o essencial não só a eles, como a todas as vitimas dêssa grande hecatombe que está disimando a humanidade.

Por isso, sr. redactor, pedimos em nome dêsse punhado de portuguêses, a vossa valiosa cooperação, e que deis o vosso inteligente apoio, prestando-lhes o maior auxilio nas colunas do jornal de que sois redactor, propagando e obtendo do govêrno, a creação de um desconto de 1|2 o|o nos ordenados ou interesses de cada cidadão para a aquisição do fundo necessario. (Ex.: em 2 milhões de cidadãos, ganhando 40 centávos diários, obter-se-ia um total de 4:000$00 cada dia).

O Govêrno nomearia uma comissão que administrasse esse fundo e que seria depositado, em cofre comum nacional, prestando permanentemente auxilio não só aos feridos da guerra, como ás familias de todos aqueles que ficassem privados de as poder sustentar e se possivel fosse, com esse capital acumulado, procuraria solucionar a grande crise de trabalho.

Depois de normalisada a situação, continuar-se-ia com esse imposto, mas como capital inviolavel que se fazia produzir, não só para o desenvolvimento da agricultura, industria, construção de casas baratas, etc., etc.; como tambem para manter a instrução obrigatoria, afim de se acabar de vez com o analfabetismo.

Criar-se-ião casas de educação com internato para os filhos dos individuos mais sobrecarregados de familia e que menos lucros auferissem, e quando o rendimento chegasse um dia a ser fabuloso, e estivesse mantida a instrução obrigatoria e a proteção ás industrias e agricultura então aplicar-se-ia o excesso na reforma dos Velhinhos, ou na daquêles que por impossibilidade ou invalidez, não podessem angariar os meios de existencia.

Se o Govêrno aceitar este patriotico alvitre, decerto êle irá ecoar no espirito da nossa aliada Inglaterra e no das nações em lucta, e assim subordinados á divisa da Republica Portuguêsa —Ordem e Trabalho—*mostrariamos ao mundo civilizado que os portuguêses, amando a Patria, não esquecem a humanidade.*

Um grupo de individuos afastados de idéas politicas e paixões partidarias, que deseja ser util á humanidade.

Estamos de pleno acordo com os autores désta carta, divergindo apenas num ponto—é que o desconto não deve incidir de fórma alguma sobre os ordenados minimos, mas sim sobre aquêles que, sendo fabulosos, custam muito menos a ganhar aos empregados do Estado do que os primeiros. Um desconto de 1|2 o|o decérto não alteraria, assaz, a vida economica aos que ganham relativamente pouco; todavia é preciso atender a que tudo encareceu duma maneira extraordinaria e que estes, tendo já bastantes encargos, precisam de ser poupados como manda a situação em que se encontram.

De resto, é para louvar o alvitre apresentado introduzidas que lhe sejam as alterações tendentes a modifica-lo no sentido indicado.

Livro de versos

Gentilmente oferecido pelo seu autor, o sr. Eugenio Ribeiro, de Albergaria-a-Velha, recebemos um volume, onde se acham reunidas algumas das suas melhores produções poeticas, a que deu o titulo de *Clarões da Serra.*

Agradecendo a amabilidade, que muito nos cativou, é do nosso dever felicitar o sr. Eugenio Ribeiro, tão bôas impressões colhemos do seu livrinho, que reputâmos um dos melhores ultimamente recebidos nésta redacção.

Auto

Na capitania do porto está sendo levantado auto contra um marinheiro reformado, ali de serviço, e que se diz ter agredido o sr. José Pereira Junior, abrindo-lhe a cabeça por uma questão futil.

Em juizo tambem foi instaurado processo crime a que terá de responder o mesmo individuo quando fôr chamado a prestar contas pelo seu acto, que nada justifica nem desculpa.

O sr. José Pereira, que têve de recolher á cama, encontra-se quasi restabelecido se bem que bastante fraco pelo abalo sofrido, assim, aos 80 anos.

Passeio velocipedico

Montados em bicicletas foram, ha dias, em digressão a Albergaria-a-Velha, Vale Maior, Oliveira de Frades, Vouzéla, S. Pedro do Sul, Oliveira de Azemeis, S. João da Madeira, Espinho e Ovar os srs. Benjamim Marques Diniz, da Oliveirinha e Manuel Maria da Silva, de Azurva, os quaes trouxéram as melhores impressões do magnifico passeio, tanto mais que nenhuma *panne* sofreram as suas maquinas durante a longa viagem a que se abalançaram inspirados no maior desejo de conhecerem as diferentes regiões por onde passaram.

O sr. Benjamim Marques Diniz retirou para a capital, não sem que nos deixasse um cartão de despedida, o que muito lhe agradecemos.

Carta de Vagos

—=(*)=—

Na nossa ultima carta para o *Democrata* haviamos prometido agarrar o sr. Hugo pela gola do casaco, fazendo-o rodopiar sobre os calcanhares, e depois de lhe darmos dois suaves pontapés na região timpanitica, chapa-lo numa arena de ignominia. E' o que hoje vâmos tentar.

De somenos categoria é este sr.; e se nos ocupamos com este enormissimo imbecil é porque ele exerceu, para mal désta terra, o cargo de administrador, de que se serviu para prejudicar a nossa politica e atraiçoar a Republica.

Feito com os nossos inimigos, o sr. Hugo em tudo pretendeu hostilizar-nos. E para isso não cumpriu ordens superiores mas procurou alguem que para aqui viésse continuar a sua tortuosa e nefasta politica.

Não conseguiu o seu indigno intento e nós avisamos aqui o sr. Eça de que é perigoso divertir-se com os republicanos de Vagos. Será bom saber que já acabaram as nossas atenções. Hoje póde estar cérto de que nos repugna da maneira mais invencivel. Para nós não passa dum arrivista que serve a Republica sem nenhuma dedicação e apenas na mira dos interesses mais grosseiros. Estamos no proposito de protestar por todas as fórmas contra a sua permanencia na administração dêste concelho.

Não lhe lançaremos nenhuma bomba .orque o exclusivo dêsse procésso, aqui bastante desacreditado, pertence aos seus amigos politicos.

Mas o nosso protésto ha-de fazer-se ouvir bem alto porque podemos tolerar tudo menos vêr ferida e menosprezada a Republica. Isso é que nós não consentiremos ainda mesmo que tenhamos de sair... das normas constitucionaes.

Nós não estamos aqui a fazer uma campanha de acinte e acrimonia contra o sr. Hugo de Almeida Eça. Mas os factos que nós conhecemos da sua administração merecem a mais veemente censura. O sr. Hugo protegeu os padres com o maior descaro e afronta para nós.

E tanto é verdade ter havido esta protéção que, apenas o sr. Hugo pediu licença e o sr. dr. Vasco o substituiu, logo os padres rebeldes modificaram a sua atitude e se acautelaram.

E' que êles viram que já não podiam contar com o favor da autoridade administrativa. O padre Bazilio, que o sr. Hugo consentia na Misericordia a celebrar actos do culto, não mais continuou a desrespeitar a lei e apressou-se a deixar esta capéla. Isto são factos cujo significação ninguem póde iludir.

O sr. Hugo é assaz parvo e andava engodado. Os monarquicos désta terra, que são dos peores, cêdo tomaram posse dêle, dominando-o.

Não foi dificil a empreza porque o sr. Hugo nunca foi republicano, sendo ainda ha bem pouco tempo um monarquico exaltado. E' mais um facto a comprovar quanto é prejudicial ao regimen a anodina politica extra-partidaria. Supõem que o monarquico se converte oferecendo-lhe a benesse. E' um erro porque os temperamentos ingratos e malfazêjos sempre morderam a mão que lhes estende a esmola. Nós falamos com o desassombro e a autoridade que uma vida de propaganda indefétivel em prol da Republica nos permite. Se assim falamos é porque queremos evitar que a Republica cáia em mãos sinistras.

Ha nésta terra uma facção que odeia o regimen e que nunca se reconciliará com êle, porque as pessoas qne a compõem nos indicam, pelo seu tenebroso passado, que vivem para contrariar as mais bélas e generosas aspirações.

E' a facção do Kagado, do *Jáquim* e do Py, falando segundo a terminologia empregada em outros tempos nas colunas da *Vitalidade* por este ultimo.

O Py é um exemplar teratologico, cuja configuração fisica se assemelha muito flagrantemente a uma granada. O outro é um ilustre pedagogo, tão ilustre que nós nunca lhe démos com os meritos. O tempo não lhe sobra para fazer a sua politica de reprezalia. E o homem é insigne no odio.

— Em 6 de março de 1901 désta guisa escrevia o Py na *Vitalidade*, falando do Kagado e do *Jaquim*:

De resto, sem esperar nem dever-vos inecuras, fico com uma resma de papel aqui á mão e tinta á farta, feita do fel amargo da verdade, para nas horas vagas de fazer sinapismos, dizer quanto me aprouver com que vergalhe o Kagado que tentar insultar-me e tenha a audacia de, pela sorna, querer propalar que o Jaquim *é o verdadeiro chefe* politago, *enquanto o outro, na ignorancia de tão baixo expediente, vae vivendo na melhor da boa-fé, insultado por estas maquinações.*

Baixos!...

Mas hoje este ignobil Euzebio Macario está com êles. Com aquêles com quem ainda ha pouco tempo renhia nas gazêtas.

Como Isaias eu digo — *coisas espantosas e estranhas se tem visto nêste mundo.*

3—10—1914.

Antonio Lucio Vidal

Agenda de algibeira para 1915

Ofertada pela *Tipografia Gonçalves*, que a editou, chega-nos pelo correio esta utilissima publicação, exposta á venda ao preço de 20 centávos e que constitue um verdadeiro anuario em miniatura.

Além de outros assuntos de grande interesse, insére as tabelas da contribuição industrial, que correspondem a todas as terras do país, infirmando ainda sobre as agencias de navegação, preços dos automoveis de aluguer, em Lisboa, balancetes, calculo comercial, calendario da capoeira e comercial para 1915 e 1916, cambios, casas bancarias, codigo telegrafico, correio e telegrafo, conselhos higienicos, pagamento de contribuições, tiragens do correio para as Ilhas, Ultramar e Brazil, dias em que se não vencem letras, direito de testar, elevadores, encomendas postais, equivalencias de medidas, fórma de medir um tonel, imposto do sêlo sobre: Letras, Cheques, Licenças, Recibos, Escrituras, bilhetes de rifas, vales, etc., Indicações no Porto, Inspecção e instrução militar preparatoria, licenças de bicicletas e **motocicletas,**

Teatro Aveirense

Convoco os srs. acionistas da Sociedade Construtora e Administrativa do Teatro Aveirense para, reunidos em Assembleia Geral extraordinaria no Edificio Social, á Praça da Republica, desta cidade, nos dias 18, 25 e 28 de Outubro proximo, por quatorze horas, procederem á discussão do Projecto de Reforma dos Estatutos da Sociedade, elaborado pela presidencia da Meza da Assembleia Geral nos termos da deliberação de 22 de Março findo, regeitá-lo, alterá-lo ou aprová-lo.

Não comparecendo numero legal de acionista ficam desde já transferidas as ditas reuniões para os dias 8, 15 e 22 de Novembro, tambem proximo futuro, no mesmo local e hora.

Os srs. acionistas a quem por qualquer circunstancia não tivér sido distribuido o mencionado Projecto poderão, desde já, reclamá-lo á Direcção.

Aveiro, 29 de Setembro de 1914.

O Presidente da Assembleia Geral

André dos Reis

---

livretes de identidade, comunicação telefonica com Lisboa, Memorandum, moedas em que são emitidos os vales, o que se deve visitar em Lisboa e Porto, pagamento de juros da Divida Publica, pagamento de vales, plantas e preços dos teatros de Lisboa e Porto, posta restante, passaportes, praça de touros, tabela de preço e pêso para amostras, jornaes, etc., Taxa militar e da assistencia, telegrafia, trabalhos a executar nos campos, jardins, etc., trens de praça, via fluvial, etc.. etc.

Agradecemos ao próprietario da *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, o seu livrinho.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

OUTUBRO

DIAS	PHARMACIAS
11	RIBEIRO
18	ALLA
25	BRITO

CORRESPONDENCIAS

Rio Grande do Sul, 16 de Agosto

Após uma viagem de 15 dias de Lisboa ao Rio de Janeiro, a bordo do *Demerára*, seguidos de 7 ao Rio Grande a bordo do *Itapuca*, eis-me em terra.

Em carta que enviei da capital da Republica a redacção do *Democrata*, e, costumado como estou a sempre mandar noticias aos amigos que ficam na Patria-Luza, prometi ao meu amigo sr. Arnaldo Ribeiro daqui lhe mandar dizer alguma cousa.

A saída do *Demerára* da capital portuguêsa foi no dia 22 do passado mez de Julho, nada se sabendo a respeito da conflagração européa. No dia 29, porém, nas alturas de Pernambuco, recebeu o comandante um radiograma do paquete *Drina*, em viagem para a Europa, tambem da Mala Real Inglésa, informando-o de que a Alemanha havia declarado guerra á Inglaterra. Seguidos mais alguns dias de viagem, e, uma vez na costa do Rio de Janeiro, aqui se encontrou o *Demerára* com o cruzador inglês *Clasgow* intimando-o este poderoso navio, que ao entrar a barra iça-se o pavilhão de guerra, visto o contrato que existe entre o govêrno britanico e a companhia citada, pois todos os paquêtes andam armados em transportes de guerra. Uma vez divulgada a noticia pelos passageiros, começaram estes a entoar os hinos francês, inglês e português o que deu lugar a uma serie de conflitos provocados por alguns alemães que juntos iam. Foi, o que se passou de Lisboa ao Rio. Uma vez aqui sube que, devido á situação politica internacional européa, a situação da colonia portuguêsa era aflitiva. O govêrno mandou suspender diversos trabalhos taes como: obras no cáes do porto e outros, seguindo-lhes o exemplo diversas casas inglêsas e alemãs, ficando assim desempregados milhares de portuguêses que, juntando-se a tantos outros, prefaz um numero incalculavel. Mas não fica por aqui esta calamidade. Em vista de uma tamanha crise, muitos dos nossos conterraneos resolveram embarcar para a mãe Patria, mas—ó fatalidade!—num dado momento as companhias de vapores aumentam as passagens de 3.ª classe de 100 escudos para 157! No sentido de intervir em uma tão dolorosa situação, tem o consul português na capital federal recebido inumeros protestos da nossa colonia, mas providencia alguma tenha tomado até hoje. Ora se em casos como o presente em que milhares de cidadãos portuguêses andam aos magotes pelas ruas sem pão e sem trabalho, o nosso consul não toma as providencias que o caso exige, melhor será sua ex.ª dar um passeio até á Europa e esquecer por algum tempo os cantos senoros do *Sabiá*.

Mais um pouco de atenção, senhor consul, que nada custa fazer bem. De contrario está-lhe indicado o caminho.

Guilherme Francisco Luizo

Alquerubim, 6

Estão descontentes os lavradores desta freguezia, que fôram avisados para comparecerem no dia 14 do corrente, em Albergaria-a-Velha, com os seus gados, carros, carroças, etc.

E' justo o seu descontentamento, porque vão perder um dia, gastar dinheiro, e andar por lá com os seus gados que tambem fazem despêsa. Isto podia evitar-se se o sr. Regedor fizésse uma relação de todos os lavradores que teem carros, e que podia, sem muito trabalho, ser tirada do caderno da matriz do serviço pessoal desta freguezia, que está arquivado na secretaría da Junta de Paroquia.

= Está concluida a colheita do vinho que, se não é grande a quantidade, deve ser excelente na qualidade.

= As oliveiras prometem bôa colheita.

= Os milhos temporãos fôram muito bons e os do campo tambem são rasoaveis.

= Por aqui fala-se muito em guerra, em tropas para a guerra, etc.

C.